

**Estéticas marginais:
corpos e comunicação que resistem na cidade de Juazeiro do Norte-CE**

**Marginal aesthetics:
resistant bodies and communication in the city of Juazeiro do Norte-CE**

Acácio Morais SILVA⁸³
Eduarda Vitória Romão dos SANTOS⁸⁴
Elane Abreu de OLIVEIRA⁸⁵

RESUMO

Apresentamos um panorama do estudo intitulado “Cidade marginal” que tem o fim de situar o conceito de margem na cidade de Juazeiro do Norte. Para isso, discutimos como o espaço participa da construção dos estereótipos marginais e identificamos exemplos da margem como resistência, através de corpos marginais atuantes em locais da cidade. O percurso metodológico utilizado foi uma pesquisa exploratória intercalada com o mapa conceitual criado a partir de referências bibliográficas, chegando a corpos que habitam nos espaços do João Cabral e que orbitam o Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Este percurso possibilitou observar as margens como resistências através de corpos, muitas vezes invisíveis, que são também linguagem e elos comunicacionais na cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Estética Marginal; Juazeiro do Norte; Corpo; Comunicação; Resistência.

ABSTRACT

We present an overview of the study entitled “Marginal city” which aims to situate the concept of margin in the city of Juazeiro do Norte. For this, we discuss how space participates in the construction of marginal stereotypes and identify examples of the margin as resistance, through marginal bodies acting in places in the city. The methodological route used was an exploratory research interspersed with the conceptual map created from bibliographic references, reaching bodies that inhabit the spaces of João Cabral and orbit the Memorial Padre Cícero in Juazeiro do Norte. This path made it possible to observe the margins as resistances through bodies, often invisible, which are also language and communicational links in the city.

KEYWORDS

Marginal aesthetics; Juazeiro do Norte; Body; Communication; Resistance.

⁸³ Estudante do Curso de Jornalismo do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (IISCA/UFCA). E-mail: acacio.morais@aluno.ufca.edu.br

⁸⁴ Estudante do Curso de Jornalismo do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (IISCA/UFCA). E-mail: eduarda.santos@aluno.ufca.edu.br

⁸⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (IISCA/UFCA). Doutora em Comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). E-mail: elane.abreu@ufca.edu.br

INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (Limbo), vinculado à Universidade Federal do Cariri (UFCA), possui um projeto de pesquisa chamado “(In)visibilidades urbanas: perspectivas comunicacionais e estéticas da imagem de Juazeiro do Norte atual” que, no segundo ano de andamento, aborda a fase da pesquisa dedicada a “Cidade Marginal”, tendo em vista fases anteriores, que se tratavam de compreender a “Cidade Edifício” e a “Cidade Inteligente”. Nesse sentido, o projeto de pesquisa, atualmente, está em processo de análises e aprofundamento empírico, portanto apresentamos aqui um panorama do atual estado da pesquisa.

Nessa perspectiva, entendemos que a cidade de Juazeiro do Norte-CE é o principal foco de estudo, pois suas estéticas são comunicadas nessas três ópticas acima. Com base nisso, a Cidade Marginal aqui citada estabelece uma série de fatores que contribuem para a construção desse conceito, como espaços, pessoas, lugares, imagens e sons que formam um estereótipo socialmente marginal. Assim, a partir de pesquisa exploratória, chegamos ao espaço do Memorial Padre Cícero e ao bairro João Cabral para abordarmos as estéticas marginais que estes possuem e que apresentam relevância para o trabalho.

O objetivo geral, no panorama aqui proposto, é situar o conceito de margem/marginalidade com enfoque empírico em espaços de Juazeiro do Norte-CE. Como objetivos específicos, destacamos: 1) discutir a relação entre espaços da cidade e a construção de estereótipos marginais, e 2) identificar exemplos da margem como resistência, através dos corpos marginais que atuam no bairro João Cabral e que orbitam o Memorial Padre Cícero, no bairro do Socorro. Espaços e pessoas, tal como identificamos, ocupam a ótica de construção de espaços contra-hegemônicos, comunicando, muitas vezes, estéticas de existências invisibilizadas por discursos midiáticos estereotipados. Apresentamos quem são esses corpos e como ocupam determinados espaços da cidade.

Justifica-se a relevância do trabalho pela necessidade de abordar a comunicação e as estéticas da cidade de Juazeiro do Norte-CE a partir de suas manifestações marginais que compõem o território. Além disso, entender os conceitos de margem/marginalidade num viés social e não opressor amplia a compreensão da cidade para além de estigmas sociais. A pesquisa se utiliza do método exploratório para o escopo, tendo como sustentáculo a criação de um mapa

conceitual que nos leva a determinados corpos que serão apresentados ao longo do trabalho. Desfrutaremos das noções de marginalidade, hegemonia e as relações socioespaciais para compor o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa.

A COMUNICAÇÃO DO ESPAÇO MARGINAL

Seguindo uma linha de pensamento metodológica, é nítido de compreender que o modo exploratório da pesquisa arquitetou-se a partir, primeiramente, de leituras abrangentes do conceito de margem, palavra-chave para o começo da pesquisa. Com isso, fez-se necessário a construção de um mapa conceitual que partia da ideia central, neste caso “Margem/marginalidade”, e a partir disso elencamos cinco fatores gerais que subdividem o aspecto central e, além disso, incidem nas (in)visibilidades que ocorrem em relação à “segregação sócio-espacial” (CARVALHO; MARIANI, 2017, p. 913). Os fatores são: “Contra-hegemonia”; “Espaço crítico de resistência”; “Corpo/malandragem”; “Linguagem situada”; “Imaginação/estéticas periféricas”.

Em *A liberdade da cidade*, um dos textos emblemáticos do livro *Cidades rebeldes*, David Harvey (2013, p.29) narra, inicialmente, as relações de poder nos espaços, tornando as cidades como “fragmentos fortificados”, nos quais tais fragmentos remetem aos espaços eruditos e populares, que por sua vez possuem estéticas e corpos específicos. Em consonância a isso, Ibanez (2016) versa que a cidade, numa perspectiva colonial, é segmentada e segregadora. Nesse sentido, abordar a divisão espacial da cidade, leva-nos a refletir sobre as relações de poder espaciais marginais e hegemônicas.

Considerando o espaço marginal, Coutinho (2014, p.38) afirma que a expressão “marginal”, nesse discurso, “é uma determinação social”. Logo, a marginalidade aqui é uma exteriorização daquilo que está à margem da lei, como modo de “expressar a visão de mundo crítica de um grupo social marginalizado” (COUTINHO, 2014, p. 34). Pertencente a esta lógica, a hegemonia se torna um conceito de base para entendermos a margem como um processo que simboliza a inconsistência deste discurso dominante, tal como Eduardo Coutinho (2014) sugere.

A contra-hegemonia se coloca como possibilidade no momento em que, com o fortalecimento da sociedade civil, a supremacia de classe passa a envolver,

além da coerção estatal, a direção político-cultural das massas, a busca do consentimento da dominação (COUTINHO, 2014, p. 148).

A contra-hegemonia atravessa os corpos que compõem a margem, como modo de interceder e ressignificar os discursos que os estereotipizam, tornando os espaços já citados na introdução do trabalho como críticos de resistência e motivadores da conexão entre o corpo e o espaço, sendo a resistência uma característica da marginalidade. É válido ressaltar que a margem, sobretudo, é um modo em que o espaço se correlaciona com o corpo, estabelecendo características estéticas e enunciações próprias como pichações, músicas que pertencem ao gênero rap/reggae, movimentos sociais que reivindicam direitos e afins. O corpo, nesse aspecto, aglutina-se com o espaço, pois se torna parte daquele meio e é comunicação deste. Esta relação pode ser nitidamente apreciada nos ambientes públicos, principalmente urbanos (RATTS, 2009). Ainda sobre o aspecto corporal, Ratts afirma que “a corporalidade se constitui [...] numa forma de estar e intervir no mundo” (2009, p. 97), o que nos provoca a pensar sobre como o corpo muda a forma de enxergarmos os espaços.

Portanto, entende-se que a marginalidade assume um papel, também, corporal, pois é a partir dos corpos marginais que nós identificamos o quanto o espaço nos modifica (RATTS, 2009). A rua, nesse sentido, abarca a ideia “marginal” (RATTS, 2009), pois as suas dimensões são decorrentes de um teor imagético, no qual a presença corporal afeta os discursos dominantes, tendo em vista que nos “relacionamos com o espaço de maneira desigual” (RATTS, 2009, p. 100) e isso é notório. Num viés comunicacional, as ruas participam deste caráter marginal, pois são através delas que nós identificamos as estéticas determinantes para a ideia central do trabalho, pois “as ruas são vias de comunicação” (IBANEZ, 2016, p. 310-311) dos corpos que se enunciam, têm voz, mas podem não ser ouvidos. Sob esta ótica, a linguagem estabelecida para criar formas de comunicação é situada na margem quando expressam um olhar não hegemônico acerca da sua realidade e, conseqüentemente, rompe, de forma gradativa, com o discurso dominante (COUTINHO, 2014) a partir de estéticas periféricas.

CORPOS MARGINAIS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE: RESULTADOS PARCIAIS

A partir do mapa conceitual construído, alinhado às referências bibliográficas referentes a margem/marginalidade, e de pesquisa exploratória de enunciados e corpos contra-

hegemônicos, chegamos nos personagens que residem no bairro João Cabral e que circulam nos arredores do Memorial Padre Cícero. Chegamos a nomes de pessoas, grupos e estabelecemos contato com os seguintes corpos/grupos marginais existentes na cidade: Johnny MC, articulador do movimento intitulado “Batalha do Cangaço” atuante na praça do Memorial Padre Cícero, a Produtora Green Valleys, através de Fiana Vieira, e dois mestres do grupo “Reisado dos Irmãos”, conhecidos por Antonio Ferreira Evangelista e Raimundo Ferreira Evangelista, moradores e atuantes no bairro João Cabral.

O grupo Batalha do Cangaço atua como movimento que ocorre todas as sextas-feiras nos limites do Memorial Padre Cícero. As atividades de batalhas são compostas por dois MC's que disputam entre si. Como um dos partícipes do movimento, podemos levar em consideração que o Jhonny MC, homem negro e periférico, é a representação do corpo marginal que contribui para o enredo social no espaço simbólico das margens do Memorial.

Assim, a Green Valleys é uma produtora que nasceu da necessidade de produzir arte de rua. Tendo, atualmente, dez integrantes, seu propósito é disseminar tanto o conhecimento da realidade musical para os que desejam fazer arte de rua, quanto o trabalho independente periférico na Região do Cariri, localidade onde é situada a cidade de Juazeiro, seu público-alvo. A diretora geral, Fiana Vieira, é uma mulher negra e periférica que favorece o crescimento da produtora, embora nenhum dos participantes tenha diploma na área, eles e elas buscam autonomia para produzirem seus materiais.

Os mestre de cultura Antônio Evangelista e Raimundo Evangelista, discípulos de mestre Pedro, mais conhecido como Reisado dos Irmãos, trabalham com vários grupos de folguedos como por exemplo “A Guerreira” e “Santa Madalena”, além de possuir dois grupos de quadrilha junina no João Cabral. Ademais os irmãos possuem vinte e três anos de trabalho, com grupos de formações no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e na prefeitura da cidade.

Os corpos citados acima participam de uma contra-hegemonia, que é determinante para os espaços da cidade, conforme fora citado por Alex Ratts (2009). Ao estarem promovendo atividades corriqueiras, concomitantemente, estão moldando os espaços, que neste caso são marginais. Reconhecer a existência das segmentações das cidades e como elas carregam (ou quebram) os estereótipos é importante para não universalizarmos as cidades e suas margens.

Mestres da cultura popular, situado nas margens da cidade, complexificam as periferias urbanas. Isso é bem visto na cultura do reisado dos mestres Antônio e Raimundo, que embora se situem em um dos bairros de maior índice de criminalidade da cidade de Juazeiro do Norte, o João Cabral, conhecido pela metrópole como o celeiro da cultura, agem em espaços críticos de resistência com seus corpos/malandragem (RATTS, 2009).

Embora o bairro ainda seja estigmatizado pelas classes dominantes, os mestres de reisado atuam para mudar essa realidade, desviando crianças e jovens da criminalidade, e levando-as para compor à sede onde atua o grupo de reisado, compartilhando conhecimentos, como a construção de trabalhos manuais, aprender a tocar instrumentos como pita e zabumba, contribuindo para a cultura do local. Como aspecto detentor de combate, os mestres de reisados também possuem o projeto Admirável Trupe, levado para todos os bairros do Juazeiro, como o Horto, Timbaúba e Frei Damião. Essa escola de artes e ofícios opera como agente transformador de realidades, sobretudo por garantir o direito inalienável da proteção, amparo e acesso à cultura a crianças e jovens.

De forma complementar, ao observar a Batalha do Cangaço que acontece nas imediações do Memorial Padre Cícero, estamos diante de uma expressão artístico-política cuja linguagem situada é marginal. A utilização de gírias, a inclusão social de camadas heterogêneas da sociedade e o seu status de contra-hegemonia que a batalha carrega, tendo em vista a falta de apoio por parte da prefeitura da cidade para garantir uma imagem social respeitosa, ainda aciona certos olhares estigmatizantes do público, enquadrando o movimento como “à margem da sociedade”.

Ao explorar a cidade marginal, encontra-se na Produtora Green Valleys uma alternativa acessível de produzir música periférica desde o beat, escrita, gravação e até a distribuição, assistência e assessoria artística, totalmente independente, que tem como autores pessoas de baixa renda. Com isso, introduzem linguagens marginais, ultrapassando as barreiras europeizantes do preconceito, em consonância com o que diz David Harvey (2013).

O propósito da produtora surgiu da necessidade de fazer música independente e periférica, que durante muito tempo foi considerado elitizado, porque já existiam outros estúdios na Região do Cariri que não eram acessíveis a todo público. A Green Valleys, desse modo, produz de forma rápida, acompanhando o ritmo dos artistas de rua que almejam possuir

uma música gravada, sendo acessível tanto em relação ao preço, quanto ao conhecimento com equipamentos dos que não pertencem àquela realidade.

Não só as batalhas de rap, mas o grupo do Reizado dos Irmãos, ainda estão atrelados a estigmas preconceituosos devido à pouca valorização dos seus locais de atuação, dos seus componentes ou da forma de expressão dessa cultura. O que para eles é exercício da sua democracia e subjetividade, para muitos ainda é visto como marginalidade, o outro como antagonista do “eu”. Como sugere Carvalho e Mariani (2017), a cidade é espaço de convergências e conflitos, o Outro, o diferente, é colocado à margem por ser “o Outro” e falar a linguagem “do Outro”, mas as outras formas de culturas e representações urbanas se reencontram com a cidade de direitos.

Com o intuito de dar visibilidade a essas margens contra-hegemônicas, os espaços tornam-se necessários para a sua atuação, pois são neles em que a reconfiguração da cidade é acionada, considerando que a invisibilidade é uma “elaboração sociocultural” (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 135) e não um fato natural. Portanto, a escolha de alocar os espaços é individual de cada grupo. No entanto, a sua simbologia nos permite pensar que a ocupação de tais seja um modo de desnaturalizar as opressões sociais destinadas às marginalidades. Quando as batalhas de rap circundam o prédio do Memorial, ou quando ocorre a brincadeira de reizado nas ruas do João Cabral, um bairro carregado de estereótipos, é possível enaltecer as margens legitimando suas vozes e estabelecendo seus espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas deliberações parciais do estudo, identificamos corporalidades marginais atuantes na cidade de Juazeiro do Norte, trazendo a perspectiva dos teóricos que complementam a pesquisa. Nesse prisma, ressaltamos que a relevância do trabalho se dá pelo entendimento do conceito de “margem/marginalidade” não apenas por um viés do estigma opressor e hegemônico, mas na apreensão de seus elementos contra-hegemônicos. Por isso, os exemplos citados durante a interlocução do estudo vêm à baila para enfatizar que esses corpos marginais existem e resistem de diversos modos em espaços da cidade.

A espacialidade contribui para a reiteração de estereótipos a partir dos corpos marginais subalternos habitantes nele. Contudo subalternos a quê e a quem? No espaço onde atuam, os

corpos marginais aqui citados experimentam liberdade estética e comunicam suas formas de existir. Assim, a condição de subalternidade se coloca em discursos hegemônicos não necessariamente articulados àqueles espaços, sendo voz que impede de ouvir as culturas contra-hegemônicas, que se apresentam como resistências situadas. Na liberdade estética marginal, corpos atuam no exercício dos seus direitos à cidade e à sua subjetividade.

Os resultados parciais obtidos nos apontam para a provocação das resistências frente às relações de poder, motivadoras de segregação social e que tornam as minorias alvos de imaginários opressores, enunciados como “marginalidade”. Numa perspectiva libertadora, essas minorias - atuantes na música, no rap, no reisado, na periferia - deixam de ser reféns de tais imaginários classistas e reducionistas, que segregam e silenciam culturas e formas de expressão.

Elegemos os corpos como atores comunicacionais do espaço, como linguagem periférica e agentes de estéticas não-europeizantes, como (in)visibilidades resistentes e necessárias enquanto instabilidades comunicacionais das margens. O som do rap ou do reisado de Juazeiro no Norte, em seus espaços, anunciam a complexa imaginação marginal da cidade, expandindo a compreensão alternativa de corpos minoritários. Trata-se de tirar o “marginal” de uma compreensão exótica e entendê-lo enquanto situado e constituinte do processo de descolonização do imaginário urbano.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Claudio Oliveira; MARIANI, Carla Neves. Escritas marginais nas ruas: expressões do direito visual à cidade. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 912-932, jan./maio 2017.
- COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. *In*: HARVEY, David.; MARICATO, Ermínia. (Org.). **Cidades rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- IBANEZ, Marios Rodriguez. Resignificando a cidade colonial e extrativista. *In*: LANG, Miriam; *et al* (Orgs.). **Descolonizar o imaginário**. Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC-Minas, 2001.

RATTS, Alex. **Traços étnicos:** espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará - Secult, 2009.